

A MULTIFUNCIONALIDADE DO ITEM DEPOIS EM GÊNEROS ACADÊMICOS

Carla Daniele Saraiva Bertuleza (UFERSA)
carlabertuleza@gmail.com

INTRODUÇÃO

Sabemos que os advérbios são tratados pela tradição gramatical como uma classe fechada, cujos elementos têm características de circunstanciadores, como tempo, modo, dúvida, intensidade, entre outros. Todavia sabemos também que se trata de uma classe heterogênea que não se prende somente a um núcleo, mas também ao conteúdo semântico-discursivo da oração, podendo alguns de seus elementos assumirem novas funções. É o caso do *depois* que, dependendo do gênero, ocorre diferentemente do uso prototípico como advérbio de tempo.

Ancorados na orientação teórica da Linguística Funcional Centrada no Uso (FURTADO DA CUNHA et al., 2013), este artigo tem como objetivo descrever sincronicamente os usos do item *depois* nos gêneros acadêmicos: dissertação de mestrado e tese de doutorado.

O artigo está organizado da seguinte maneira: primeiramente, apresentamos a orientação teórica desta investigação que reside na proposição denominada pelo grupo Discurso & Gramática como Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU; depois, vem a metodologia, descrevendo a investigação, em seguida a análise e discussão dos usos do item *depois* nos gêneros acadêmicos, mostrando os resultados e as tendências de seus diferentes usos.

APORTE TEÓRICO

O termo linguística funcional centrada no uso ou *usage-based linguistics*, é cada vez mais usado por diversos autores (TOMASELLO, 1998; 2003; BYBEE, 2006; LOPES, 2008) para indicar uma tendência funcional de abordagem das línguas que se contrapõe ao estruturalismo e ao gerativismo. Trata-se de uma abordagem que se preocupa em estudar como as pessoas fazem uso da língua em situações reais de comunicação e emprega a hipótese de que a forma da língua deve refletir, em alguma situação, a função que exerce.

De acordo com a abordagem funcionalista, não se deve explicar os fenômenos linguísticos a partir de frases que não fazem parte do contexto real dos usuários da língua, frases inventadas e totalmente descontextualizadas, como fazem as gramáticas normativas tradicionais. Mas, deve-se verificar como a língua é usada nos processos comunicativos, nas circunstâncias discursivas e nas condições de produção. O estudo da língua tem, pois, como foco a situação comunicativa.

Além disso, a gramática é vista como um fenômeno *sócio-cultural* onde sua estrutura e regularidade advém do discurso que as moldam e modificam em processo contínuo. Du Bois (1985) considera a gramática como um sistema adaptativo em que forças motivadoras dos fenômenos externos penetram no domínio da língua e passam a interagir com forças organizadoras internas, competindo e conciliando-se sistematicamente com elas. Assim, o fenômeno da gramaticalização, pode ser visto como a evolução de construções relativamente livres no discurso, motivadas por necessidades comunicativas, para construções relativamente fixas na gramática.

Segundo Bybee (2010), a gramaticalização é comumente definida como “o processo pelo qual um item lexical ou uma sequência de itens tornam-se um morfema gramatical, mudando sua distribuição e função no processo.” E ressalta que, mais recentemente, tem sido observado que a gramaticalização de itens lexicais está ocorrendo dentro de construções particulares, criando, assim, novas construções. (BYBEE, 2003; TRAUGOTT, 2003).

A partir dessa conceituação, podemos afirmar que a unidirecionalidade constitui uma propriedade que permite a identificação e a descrição dos fenômenos de gramaticalização dentro do quadro mais amplo dos demais fenômenos de mudança linguística, é por meio dessa propriedade que podemos tratar dos deslizamentos entre classes de palavras, como a trajetória de advérbios a conectivos. O processo de gramaticalização tem como princípio cognitivo a exploração de velhas formas para novas funções, o que faz com que conceitos concretos sejam movimentados para o entendimento de um elemento menos concreto.

Desse modo, os falantes e ouvintes, devido às assimetrias de suas experiências, negociam e adaptam funções e formas para o sucesso da troca comunicativa, permitindo que a língua altere os seus padrões discursivos e a sua contraparte mental. Essas negociações e adaptações geram, pois, mudanças que, por sua vez, são guiadas por mecanismos que regularizam e fixam seus usos, dentre os quais merecem destaque: metáfora e metonímia; e, por extensão, analogia e reanálise.

Segundo Gonçalves *et al.* (2007), a metáfora está ligada ao processo de abstratização dos significados, que podem ser lexicais ou menos gramaticais, e passando metaforicamente, tornam-se gramaticais ou mais gramaticais. Assim, a gramaticalização pode ser motivada pela metáfora que é regida por uma crescente escala de abstratização.

Já Heine *et al.* (1991) explica que a metáfora envolvida no processo de gramaticalização é diferente daquela que se relaciona às figuras de linguagem, pois seria pragmaticamente motivada e focada para a função na gramática. Uma ‘metáfora emergente’, portanto, cuja origem que propicia à gramaticalização seria de natureza ‘categorial’, ou seja, a construção das estruturas gramaticais pode ser exposta em termos de algumas categorias básicas partindo sempre, unidirecionalmente, do elemento mais concreto.

Torna-se possível expor o processo de gramaticalização por meio do grupo de categorias conceituais, de acordo com uma escala de abstração crescente, em que cada elemento seguindo um percurso unidirecional se liga a outro elemento à direita por meio de “flechas” (“>” leia-se “passa para”), resultando no que muitos pesquisadores chamam de “metáforas categoriais”.

pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade

Por outro lado, a metonímia tem sido apontada como responsável pela gramaticalização, na medida em que suas motivações estão no contexto linguístico e pragmático de uso de uma dada forma: há uma associação conceitual entre entidades de algum modo contíguas, de forma que o item linguístico que é usado em referência a uma delas passa a ser usado também para outra.

Segundo Traugott & König (1991, p.212), a metonímia envolve a especificação de um significado em termos de outro que está presente no contexto, vale dizer, representa uma transferência semântica por contiguidade. À metonímia está ligado um mecanismo chamado por Traugott & König (op. cit., p.194) de *inferência por pressão de informatividade*, que designa o processo em que o item linguístico passa a assumir um valor novo, inferido do original, devido à convencionalização de implicaturas conversacionais por meio de pressões do contexto de uso. Quando uma implicação comumente surge com forma linguística, pode ser tomada como parte do significado desta, podendo até mesmo chegar a substituí-la.

A reanálise pode ser definida como uma mudança na estrutura de uma expressão que não envolve qualquer modificação imediata ou intrínseca de sua manifestação aparente, ela não é diretamente observável. Para Hopper e Traugott (2003), no

mecanismo de reanálise, as propriedades gramaticais, sendo elas, sintáticas, morfológicas e semânticas das formas são modificadas quanto a sua interpretação, mas não quanto a sua forma.

Já o mecanismo da analogia “se refere à atração de formas preexistentes por outras construções também já existentes no sistema e envolve inovações ao longo do eixo paradigmático” (GONÇALVES, 2007, p.49). Ou seja, não promove mudança na regra apenas permite um desenvolvimento das mudanças trazidas pela reanálise.

Desse modo, tanto a reanálise quanto a analogia interessam para a gramaticalização, mesmo sendo distintamente diferentes e com diferentes efeitos. A reanálise implica reorganização linear, sintagmática e, frequentemente, local: uma mudança de regra, que não é diretamente observável. Por outro lado, a analogia essencialmente implica organização paradigmática, mudança nas colocações de superfície e nos padrões de uso. A analogia faz as mudanças inobserváveis da reanálise observável.

METODOLOGIA

Este trabalho é um recorte da pesquisa de Mestrado que analisa os usos dos itens *antes*, *agora* e *depois* em gêneros acadêmicos. Assim, neste trabalho, apresentamos os usos e funções do item *depois* nos gêneros Dissertação e Tese. Partimos de uma análise da frequência dos usos do item *depois* nos gêneros acadêmicos para depois explicá-lo, segundo o contexto em que ocorre.

O cópuz utilizado na investigação faz parte do banco de dados de Dissertações e Teses sobre gramaticalização, organizado por Figueiredo-Gomes e Bertuleza (2013) e intitulado cópuz DISSERTAÇÕES E TESES – DISSERTES. Com o intuito de analisar os usos/funções do item *depois*, controlando os aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmático-discursivos, selecionamos categorias de análise de estudos funcionalistas sobre esse item. Utilizamos as categorias de análise dos estudos de Martelotta (1994), Lopes e Morais (2000), e Gonçalves (2007), são elas:

a) *Depois espacial*: apresenta um valor espacial com sentido de localização.

- b) *Depois temporal*: expressa uma sucessão no tempo e não no espaço, podendo vir acompanhado de outra indicação temporal.
- c) *Depois sequencial*: assume um comportamento de elemento gramatical, uma vez que serve para organizar as informações do texto, ou seja, organiza a sequencialidade dos eventos de figura narrativa e não-narrativa, gerando formas como *depois que* e *depois de*, formas que assume o valor relacional.
- d) *Depois aditivo*: apresenta um valor de operador argumentativo e sua função, nesse caso, é acrescentar informações em favor do que está sendo dito.
- e) *Depois Contrastivo*: apresenta oposição com o enunciado anterior do texto e normalmente vem antecedido do conector adversativo *mas*.
- f) *Depois conclusivo*: introduz uma conclusão do assunto tratado pelo falante.
- g) *Depois avaliativo*: introduz uma situação avaliativa em que o falante expressa sua preferência em relação a um evento anterior.
- h) *Depois argumentativo*: introduzir um argumento secundário que, ao se ajuntar a outro argumento já formulado no discurso, realiza um valor de tipo reforço.
- i) *Depois argumentativo interrogativo*: apresenta características de interações orais, bloqueando a sequência do discurso.
- j) *Depois marcador de continuidade*: apresenta um caráter fático, que indica que o falante não terminou seu discurso e assim busca manter a atenção do seu interlocutor.

Por fim, após selecionarmos as categorias de análise, utilizamos o programa WordSmith Tools (SCOTT, 2008), uma ferramenta de grande valia para os pesquisadores da Linguística de Corpus, que possibilita a coleta de amostras de usos da linguagem, e, a partir desses dados, fizemos uma análise qualitativa.

RESULTADOS

Sabemos que os vários estudos sobre gêneros textuais têm cada vez mais ganhado espaço no cenário dos estudos sobre a linguagem em uso, principalmente em relação à interação em comunidades acadêmicas e no ensino de língua materna. Como também sabemos que tem crescido o número de estudos funcionalistas que buscam mostrar novos usos e novas funções que os advérbios assumem na língua. O objetivo desse trabalho é mostrar que o item *depois* assume novos usos/funções, diferente do uso prototípico como advérbio, nos gêneros acadêmicos.

O item *depois*, segundo Said Ali (1971), originou-se de *pois* com valor de advérbio equivalente a “mais tarde” e “em seguida”. Seu valor de advérbio foi reforçado

ao justapor-se à partícula *de*. No português arcaico, a forma *depos* (de + pós) conviveu com o item *depois*, com valores semelhantes, mas a primeira, mas tarde, caiu em desuso. Para a tradição gramatical, o item *depois* é caracterizado como um circunstanciador temporal.

Encontramos nos gêneros acadêmicos alguns dos usos apresentados por Martelotta (1994), Lopes e Moraes (2000), e Gonçalves (2007), e outras funções assumidas pelo item *depois* e presentes nos gêneros acadêmicos, como os apresenta a Tabela 01.

Tabela 01 – Frequência dos usos do item *Depois* nos gêneros acadêmicos

Item Depois	Dissertação	Tese	Total
Espacial	32/17,8%	42/23,4%	74/41,3%
Sequencial temporal	19/10,6%	27/15,8%	46/25,6%
Dêitico temporal	13/7,2%	05/2,7%	18/10,5%
Sequencial textual	03/1,6%	13/7,2%	16/8,9%
Indicador de futuridade	12/6,7%	02/1,1%	14/7,8%
Conector de tempo	04/2,2%	02/1,1%	06/3,3%
Divisor de época	02/1,1%	02/1,1%	04/2,2%
Introdutor de tópico	–	01/0,5%	01/0,5%
Total	85/47,4%	94/52,5%	179/100%

Conforme a Tabela 01, no *corpus* DISSERTES ocorrem os seguintes usos do item *depois*, que apresentamos conforme a frequência: *espacial*, *sequencial temporal*, *dêitico temporal*, *sequencial textual*, *indicador de futuridade*, *conector de tempo*, *divisor de época*, e *introdutor de tópico*, que diferentemente apresentamos, a seguir, conforme as noções de ESPAÇO, TEMPO e de TEXTO.

Em alguns casos, acolhemos as noções já apresentados pelos estudiosos citados, mas, em outros, defendemos ou noções diferentes ou acumulamos as noções que eram convergentes, ou até mesmo, a partir dos dados, sugerimos a identificação de outros usos que garimpamos nos dados dos gêneros acadêmicos. Optamos por apresentar neste trabalho o uso do item *depois* com maior frequência entre cada gênero dissertação de mestrado e tese de doutorado.

O uso do *depois espacial* estão estudados nos trabalhos de Martelotta (1994), de Lopes e Moraes (2000) e de Gonçalves (2007), que o considera um uso prototípico cuja função é indicar a sucessão no espaço, esse uso ainda continua muito frequente nos

gêneros acadêmicos, possivelmente por ter um registro mais formal, portanto mais erudito.

Ao analisarmos as ocorrências referentes ao item *depois* no *corpus* DISSERTES, encontramos usos do *depois espacial* em 41,3% das ocorrências, localizando um elemento no espaço e, estruturalmente, vem acompanhado da preposição *de*, como apresenta a amostra (01).

(01) A primeira propriedade apresentada por Pontes é a da posição fixa na sequência verbal, a qual é determinada por uma regra sintática. O auxiliar deve se posicionar **depois de** um verbo modal e/ou antes de estar acompanhado de gerúndio. (97-T-08)

Conforme a amostra (01), no gênero tese, o item *depois* marca a localização do “auxiliar” que se posiciona após um verbo modal e antes de vir acompanhado de gerúndio. Os dois são muito utilizados posto que, ao se analisar a função dos elementos linguísticos, numa abordagem funcionalista, observa-se não só a função mas também a estrutura, portanto o local da ocorrência, o que vem antes e o que vem depois.

Como falamos no item anterior, o item *depois*, originalmente, é uma noção espacial, mas, em certos contextos, ocorre um uso metafórico em que a noção de espaço referente a lugar se transfere para o espaço referente a tempo. Nos estudos apresentados por Martelotta (1994), Lopes e Morais (2000), e Gonçalves (2007), essa noção de tempo do item *depois* é apresentada por meio da sua característica de circunstanciador temporal, no entanto há usos em que o *depois* apresenta noção de tempo variada, inclusive como conector temporal. Desse modo, apresentamos, a seguir, os usos temporais assumidos pelo item *depois* nos gêneros acadêmicos, quais sejam: *sequencial temporal*, *dêitico temporal*, *indicador de futuro*, *conector de tempo* e *depois divisor de época*.

Um dos usos temporais apresentados pelo item *depois* no *corpus* DISSERTES trata-se do *sequencial temporal* que ocorre em 25,6% das ocorrências, portanto o uso do item *depois* mais recorrente no *corpus* DISSERTES. Essa função caracteriza-se como um uso que apresenta a sequência lógica dos fatos, ou seja, a ordem cronológica dos acontecimentos, como em (02).

(02) Identificamos tal fenômeno principalmente em trechos eminentemente argumentativos, como em (137), em que a informante defende sua concepção acerca da educação de um jovem (a ser aplicada, no caso, ao seu neto). Primeiro, defende a necessidade de uma religião, na qual ele demonstre sua fé. **Depois**, passa a argumentar a favor de se ter uma boa instrução e formação e, por fim, trata da importância de se valorizarem as raízes familiares. (184-T-16)

Na amostra (02), o item *depois* ocorre sequenciando os argumentos usados por um informante em que defende primeiro a demonstração de fé, para em seguida argumentar sobre ter uma boa instrução. Se trata, portanto, de um uso que mostra a sequência temporal apresentada na medida em que ocorre.

A função de *depois dêitico temporal*, com 10,5% das ocorrências, apresenta-se nos gêneros acadêmicos, como advérbio que indica uma circunstância que tem a função de expressar uma sucessão no tempo, e não mais no espaço, como em (03).

(03) Melo (1970: 237) critica os estudiosos que passaram a desconsiderar a correlação devido à NGB, afirmando que, apesar de ele manter sua posição, há aqueles que aceitam “a doutrina careada pela NGB”. Tal fato, explica ele, ocorre, ou porque já estivessem convencidos de tal doutrina ou porque se converteram **depois**, passando a dizer que as orações que ele continua a considerar correlativas são “subordinadas adverbiais”. (105-D-29)

Conforme a amostra (03), o item *depois* deixa de fazer referência a uma localização no espaço e passa a indicar uma sucessão temporal, a amostra do gênero dissertação apresenta o pensamento de Melo sobre a “correlação” em que para ele os estudiosos que desconsideraram o termo já estavam convencidos da “doutrina da NGB” ou tinham se convertido em um momento posterior.

Há também ocorrências do item *depois* apresentando noção temporal de *referência ao futuro*, com 7,8% das ocorrências. Os trabalhos encontrados sobre o *depois* não mencionam essa função, mas entendemos que, nesse uso, o item *depois* seguido de verbo infinitivo é utilizado para referir-se a uma ocorrência em um tempo futuro, como mostra (04).

(04) Os itens lexicais que se tornam gramaticalizados devem, primeiramente, servir a funções discursivas, tornando-se sintaticamente fixos para, **depois** virem a se constituir um morfema. (25-D-25)

Conforme a amostra (04), o item *depois* é empregado fazendo referência a um tempo em que o falante prever uma ocorrência no futuro. O item *depois* + o verbo *vir* permite implicar que os itens lexicais precisam primeiro se tornar fixos para, no futuro, tornarem-se um morfema.

Outra função temporal assumida pelo item *depois* é a função de *conector de tempo* que ocorre em 3,3% das ocorrências. Esse uso tem como função localizar no tempo, ações, eventos ou estados de coisas do mundo real, e ocorre por meio do conector *depois que*, como em (05). Vale ressaltar que, nos trabalhos de Martelotta

(1994), Lopes e Morais (2000), e Gonçalves (2007), o uso da expressão *depois que* também é apresentado com valor temporal. Para Lopes e Morais (2000), independente da configuração sintática, o item funciona como um localizador temporal.

(05) **Depois que** o item passa a ser utilizado em contextos que sugerem o significado novo e em contextos em que a leitura do significado fonte já não era mais possível, passa pelo contexto que o autor chama de convencionalização. (14-D-26)

Na amostra (05), a construção *depois que* funciona como conector de tempo. A expressão *depois que* introduz o enunciado, em que o autor da dissertação refere-se ao tempo em que um determinado elemento, após ser utilizado em determinados contextos, passa a ser chamado de convencionalização.

No *corpus* DISSERTES ocorre também o uso temporal *depois divisor de época* em 2,2% das ocorrências. Trata-se de um uso em que o item marca uma mudança na época passada para época da enunciação, como apresenta (06).

(06) Achamos importante fazer um estudo mais detalhado do pensamento de Said Ali, não só por ter sido quem tratou do assunto mais profundamente, como também porque teve grande influência em autores posteriores (...). Ele é, assim, um marco no estudo deste ponto de nossa gramática: não só reflete uma tradição anterior, porque parte do que ensinam gramáticos anteriores, como apresenta uma visão pessoal e crítica do problema, que tem profunda repercussão posterior: pode-se dizer que **depois** dele praticamente não houve contribuição original à análise de LV.

Conforme a amostra (06) o item *depois* indica uma mudança de época, contrastando entre passado X presente, o item *depois* presente na menção “depois dele” refere-se ao estudioso de gramática Said Ali e que no presente após ele não houve mais contribuições originais a análise de LV. O item *depois* também assumiu funções mais relacionadas aos segmentos do texto, apresentando as funções de: *sequencial textual* e *introdutor de tópico*.

Na função *sequencial textual*, presente em 8,9% das ocorrências, o item *depois* enfraquece sua noção de tempo e passa a assumir a função de organizar o texto. Esse uso está presente nos estudos de Martelotta (1994), Lopes e Morais (2000) e Gonçalves (2007). Trata-se de um uso que organiza, enumerando a ordem dos assuntos abordados no texto, como em (07).

(07) Em primeiro lugar, será feita uma comparação entre os dois grupos semânticos de verbos, o cognitivo e o volitivo. **Depois** será feita a análise dos verbos de cada grupo. (77-T-10)

De acordo com a amostra (07), o item *depois* apresenta a progressão do texto, contribuindo para o detalhamento da ordem na qual os eventos se encontram nos gêneros acadêmicos. A amostra apresenta um detalhamento de como se encontra o capítulo a ser lido, por meio do item *depois* é indicado que, após a comparação dos grupos semânticos dos verbos, será feita a análise individual de cada grupo.

Outra função textual apresentada por *depois* é a de *introdutor de tópico* que ocorre em 0,5% das ocorrências no *corpus* DISSERTES. Trata-se de um uso que tem como função introduzir um tópico ou um novo momento do discurso, por meio de uma mudança no tópico ou no assunto, como mostra (08).

(08) **Depois** dos verbos de crença (por exemplo, crer, acreditar e achar), a autora afirma que a escolha de um determinado modo verbal depende do significado pretendido, entretanto, ela constatou que o MI aparece freqüentemente depois desse tipo de verbo. O MS se torna mais freqüente quando este tipo de verbo é negado na oração matriz, como em não crer, não achar. (148-T-18)

Conforme a amostra (08), o uso do item *depois* ocorre introduzindo um tópico no qual apresenta o pensamento de uma autora ao fato de que uma “escolha de um determinado modo verbal depende do significado pretendido”.

Assim como os trabalhos de Martelotta (1994), Lopes e Morais (2000), e Gonçalves (2007), registramos, nos usos do item *depois*, os esquemas idealizados: o formal *advérbio* > *conjunção* > *marcador discursivo* e o semântico ESPAÇO > TEMPO > TEXTO nos gêneros acadêmicos *dissertação de mestrado* e *tese de doutorado* embora com especificidades mais caracterizadoras dos gêneros em questão.

CONCLUSÃO

Constatamos que em relação ao item *depois* nos gêneros acadêmicos, notamos que o seu sentido primeiro, o uso espacial (41,3%), ainda continua muito frequente nos gêneros acadêmicos, possivelmente por ter um registro mais formal, pois como os gêneros acadêmicos que compõem o *corpus* DISSERTES versam sobre a gramaticalização, os estudos não observam só a função mas também a estrutura, portanto o local da ocorrência, o que vem antes e o que vem depois.

Assumindo noções temporais variadas nos gêneros acadêmicos, o item *depois* parte do seu valor de dêitico temporal (10,5%), até as funções adquiridas como a de *sequencial temporal* (25,6%), função que caracteriza-se como um uso que apresenta a sequência lógica dos fatos; *conector de tempo* (3,3%), uso que tem como função

localizar no tempo, ações, eventos ou estados de coisas do mundo real, e ocorre por meio do conector depois que e depois de; a função de *indicador de futuridade* (7,8%) em que o item *depois* seguido de verbo infinitivo é utilizado para referir-se a uma ocorrência em um tempo futuro; e a função de *divisor de época* (2,2%) em que item marca uma mudança na época passada para época da enunciação.

Em outros contextos, o item *depois* também assumiu funções mais relacionadas ao texto, apresentando as funções de: *sequencial textual* (8,9%) em que o item depois enfraquece sua noção de tempo e passa a assumir a função de *organizador do texto*; e de *introdutor de tópico* (0,5%) que introduz um novo tópico ou um novo momento do discurso, por meio de uma mudança no tópico ou no assunto tratado.

Constatamos que os usos do item *depois* seguem nos gêneros acadêmicos o seguinte esquema: *advérbio* > *conjunção* > *marcador discursivo*, esquema apresentado também em outros trabalhos. O item *depois* apresenta também instâncias de continuidade das funções apresentadas nos estudos sobre o item, seguindo a trajetória metafórica ESPAÇO > TEMPO > TEXTO nos gêneros acadêmicos dissertação de mestrado e tese de doutorado.

Referências

- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna-Nova Fronteira, 2009.
- BRINTON, L. J.; TRAUGOTT, E. C. **Lexicalization and language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BYBEE, J. **Mechanisms of change in grammaticalization**: the role of frequency. In JOSEPH, B. D.; JANDA (eds.) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-23. Reprinted 2007, p.336-57.
- DU BOIS, J. W. **Competing Motivations**. In: HAIMAN, J. (ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1985. p.343-65.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. **Pressupostos teóricos fundamentais**. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. A.; GIVÓN, T. *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- _____. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: Benjamins, 1995.
- GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (orgs.) **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola, 2007.

- GONÇALVES, J. W. **Gramaticalização do Item Depois na Fala Carioca**: uma abordagem funcional. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. UFRJ, 2007.
- HEINE, B.; REH, M. **Grammatical categories in African languages**. Hamburgo: Helmut Buske, 1984.
- HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. **Grammaticalization**: a conceptual framework. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HEINE, B.; KUTEVA, T. **World lexicon of grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- HOPPER, P. J. **Emergent grammar**. BLS 13:139-157, 1987.
- _____. **On some principles of grammaticalization**. In: TRAUGOTT, E.C; HEINE, B. (eds) *Approaches to grammaticalization*. Vol. I. Amsterdam: John Benjamins, 1991.
- _____.;TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- _____.**Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- LOPES, A. C. M.; MORAIS, M. F. A. **Antes e Depois**: elementos para uma análise semântica e pragmática. Publicado em: *Revista Portuguesa de Filologia*. vol. XXIII, 1999-2000, p. 183-243.
- MARTELOTTA, M. E. **Os circunstanciadores temporais e sua ordenação**: uma visão funcional. Tese de (Doutorado em Linguística) UFRJ, Rio de Janeiro, 1993.
- MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J. ; CEZARIO, M. M.(orgs.) **Gramaticalização no português**: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1996.
- ROCHA-LIMA, C. H. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- SCOTT, M. **WordSmith Tools**. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics**. *Metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- TRAUGOTT, E. C. **Constructions in grammaticalization**. In JOSEPH, B. D.; JANDA (eds.) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p.624-47
- VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M.; MARTELOTTA, M. E. **Gramaticalização**. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2004.